

# SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

## Artigos Livres

Volume 22 | Número 1 | Ano/período: Janeiro/Abril 2023

### Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i1.14317

ISSN: 2763-8804

## Em um horizonte da História política renovada:

*biografia, indivíduos e contexto*

Vítor Mateus Viebrantz<sup>1</sup>  

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

OPEN ACCESS

### Referência

VIEBRANTZ, Vítor Mateus. Em um horizonte da História política renovada: biografia indivíduos e contexto. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 23, n. 1, p. 175-190, jan/abr 2023.

Recebido em: 22/01/2023 | Aprovado em: 28/02/2023 | Publicado em: 20/03/23

---

<sup>1</sup>Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UPF (Universidade de Passo Fundo) na Linha Política e relações de poder. Graduado em História (licenciatura) pela Universidade de Passo Fundo (2022). Especialista em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (2023). Ligado ao GT de História Política da ANPUH-RS. Tem experiência e interesse em estudos sobre nazismo, pós-nazismo, germanidade e colonização no norte do Rio Grande do Sul.

### **Em um horizonte da História política renovada: biografia, indivíduos e contexto**

**Resumo:** As críticas à História política tradicional estão ligadas às práticas historiográficas que centralizavam as narrativas nos grandes eventos políticos e militares. Depois de encontrar um relativo eclipse historiográfico diante da predominância das explicações totalizantes no social e econômico propostas principalmente pelos Annales e estruturalistas, as novas práticas da História política renovada trouxeram mudanças em relação ao conceito de poder como articulador das explicações históricas e dos indivíduos como agentes articulados e articuladores. Nesse sentido, discute-se sobre a abordagem biográfica como campo de observação e análise histórica e suas dimensões dentro da História política renovada, percebendo suas possibilidades e limites a partir das críticas de Pierre Bourdieu (2006) e das considerações de Sabina Loriga (1998; 2011). O artigo perpassa essas trajetórias através de uma revisão bibliográfica de análise qualitativa.

**Palavras-Chave:** Biografia. História política. Historiografia.

### **In a renewed political History horizon: biography, individuals and**

**Abstract:** Criticism of traditional political history is linked to historiographical practices that centralized narratives in major political and military events. After finding a relative historiographical eclipse before the predominance of the totalizing explanations in the social and economic proposed mainly by the Annales and structuralists, the new practices of renewed political history brought changes in relation to the concept of power as articulator of historical explanations and individuals as articulate and articulating agents. In this sense, it discusses the biographical approach as a field of observation and historical analysis and its dimensions within the renewed political history, realizing its possibilities and limits from the criticisms of Pierre Bourdieu (2006) and the considerations of Sabina Loriga (1998; 2011). The article goes through these trajectories through a literature review of qualitative analysis.

**Keywords:** Biography. Political history. Historiography.

### **contexto En un horizonte de la Historia política renovada: biografía, individuos y contexto**

**Resumen:** Las críticas a la Historia política tradicional están ligadas a las prácticas historiográficas que centralizaban las narrativas en los grandes eventos políticos y militares. Después de encontrar un relativo eclipse historiográfico ante la predominancia de las explicaciones totalizantes en lo social y económico propuestas principalmente por los Annales y estructuralistas, las nuevas prácticas de la historia política renovada han traído cambios en relación con el concepto de poder como articulador de las explicaciones históricas y de los individuos como agentes articulados y articuladores. En esto sentido, se discute sobre el abordaje biográfico como campo de observación y análisis histórico y sus dimensiones dentro de la Historia política renovada, percibiendo sus posibilidades y límites a partir de las críticas de Pierre Bourdieu (2006) y de las consideraciones de Sabina Loriga (1998; 2011). El artículo atraviesa esas trayectorias a través de una revisión bibliográfica de análisis cualitativo.

**Palabras clave:** Biografía. Historia política. Historiografía.

**A**s modalidades historiográficas trazem reflexões sobre os exercícios que os oficineiros de Clio trazem sobre a produção histórica. Conforme Remond consigna: “A HISTÓRIA, cujo objeto precípua é observar as mudanças que afetam a sociedade, e que tem por missão propor explicações para elas, não escapa ela própria à mudança” (2003, p. 15, grifo do autor). O que o historiador alude são os fôlegos que a historiografia dá em relação aos seus objetos de estudo e suas articulações sobre as narrativas do passado.

Nesse sentido, desde as remotas épocas de Heródoto e seus escritos desejosos de relatar as histórias gregas das batalhas, até a cientificação da História no século XIX os historiadores debruçaram-se sobre as grandes façanhas políticas, guerras, campanhas e personagens heroicos. O grupo dos *Annales* na França, a partir da segunda década do século XX, afastam-se deste modelo nominado “tradicional” propondo novas modalidades, fontes e explicações para os processos históricos exteriores às explicações políticas, procurando explicações e conceitos totalizantes aos processos sociais. Esse afastamento marca uma aversão à história política ao longo das décadas seguintes. Nas décadas de 1970 e 1980, um novo fôlego se dá em relação a história política, renovando métodos, propostas e fontes, dando novos encaminhamentos à essa modalidade. Entre eles uma proposição acerca dos sujeitos e suas agências nos processos históricos, abrindo caminho para as rediscussões sobre a biografia e suas repercussões no conhecimento histórico.

Assim, o presente ensaio teórico busca suscitar através da retomada qualitativa os caminhos da historiografia no processo de “afastamento” e “renovação” da História política, problematizando a questão da biografia como modalidade historiográfica nas análises do poder, considerando os encaminhamentos presentes em Sabina Loriga (1998; 2011) e Pierre Bourdieu (2006).

## **Da História tradicional e da História política renovada**

Desde os escritos antigos aos medievais tratando de relatos sobre o passado, os grandes eventos, acontecimentos e episódios eram centrais nas narrativas. Assim, a exemplo de Heródoto com as guerras gregas, o político e suas expressões normativas nas sociedades são os fios condutores: guerras, heróis de guerra, grandes homens, batalhas, datas, conquistas, etc. Ao longo do século XIX, com as divisões das ciências e os estabelecimentos das fronteiras entre elas, a historiografia europeia busca acompanhar a implementação de critérios para a produção histórica. Assim, essa historiografia denominada tradicional “bebe” de fundamentos científicos das ciências naturais com métodos calcados na possibilidade de experimentação, comprovação e indução de leis.

Assim, ela produz explicações históricas partindo de fontes oficiais apenas, onde supostamente os vestígios fariam por si só, produzindo narrativas de fatos, acontecimentos e eventos políticos apenas a partir deles. Além disso, baseadas na linearidade e na busca por supostas imparcialidade e objetividades não havia problematização, os sujeitos considerados partícipes da História eram apenas os grandiosos e reféns da evolução unilateral. O político era o centro das análises e por isso seus atores

eram os que conduziam a história humana. Esse tipo de produção histórica denominou-se “história tradicional”, a qual, pela imbricação necessária do produzir histórico e tratar do político, também podemos chamar “história política tradicional”.

Partindo de Peter Burke (1991), em final da década de 1920 os *Annales*, um movimento historiografia ambicioso de romper com os paradigmas da História tradicional, surge na França. Lançando mão de novas fontes, novas metodologias e abordagens, esses historiadores franceses divergiam das maneiras do escrever história antiga e científica. Consideravam a história política e militar as abordagens mais superficiais possíveis. Assim, rompiam com esse modelo positivista da história, indiciando a necessidade da história problema, novas temporalidades (Fernando Braudel e sua proposta de compreensão de três temporalidades: curta, média e longa duração), interdisciplinaridade e novos encaminhamentos a partir da história social, econômica e mais tarde cultural.

Conforme indica Henrique Lima:

Partindo da produção historiográfica dos *Annales*, a fase de crítica e condenação da História política tradicional abre espaço para a emergência de outros modelos historiográficos, voltados a certo modo à sociedade e à economia. A política dentro deste cenário era posta como o antagonista da sociedade, e a história política, seu algoz (LIMA, 2012, p. 2).

Esses novos encaminhamentos dos *Annales* inauguraram um novo fazer historiográfico, o qual partia de um intento de se isentar das práticas antigas. E como indica Rafael Sêga:

Outros dois importantes paradigmas intelectuais, o marxismo e o estruturalismo, também viriam reforçar esse desprezo pelo estudo da instância do político; o primeiro por considerá-lo uma mera “superestrutura” e o segundo por achar que o mesmo era um simples “epifenômeno” de um “todo articulado” (SÊGA, 2002, p. 192).

Assim, a dita “história tradicional” ou “história política tradicional” foi marginalizada e renegada. As novas modalidades surgidas com essa distensão incrementaram novos conceitos e procedimentos dentro da historiografia, buscando explicações totalizantes, investindo em conceitos acerca das relações e experiências coletivas no social, econômico ou cultural. Rene Remond indica que:

Era, pois, provavelmente inevitável que o desenvolvimento da história econômica ou social se fizesse às custas do declínio da história dos fatos políticos, daí em diante lançada num descrédito aparentemente definitivo. Ora, o movimento que leva a história, o mesmo que acarretou o declínio da história do político, hoje traz de volta essa história ao primeiro plano (REMOND, 2003, p. 14).

Ao indicar a relação do declínio do político, Rene Remond indica a dinâmica da habilitação das novas práticas historiográficas. E, como também indica, é desse processo de marginalização e conformações de novas práticas que a História política assoma. Para José Barros (2009) a renovação da História política está ligada a questão das novas modalidades historiográficas, pois,

Em um mundo contemporâneo no qual tem se tornado cada vez mais clara a multiplicidade de poderes de todos os tipos que envolvem a vida social e individual, da coerção ou planificação governamental mais direta às sutis formas de propaganda subliminares, a História Política viu-se sensivelmente renovada nesse novo rearranjo de modalidades históricas. Trata-se, contudo, muito mais de um desenvolvimento lógico e estrutural da Historiografia e de sua inserção no contexto da história recente, do que de uma simples moda historiográfica que retorna para compensar seus anos de relativo eclipse (BARROS, 2009, p. 148).

Para o historiador a questão da expansão da História política renovada está associada aos estudos do conceito de poder e sua compreensão mais ampla. Poder, nessa nova empreitada do político está conectado as diversas relacionais estabelecidas entre os sujeitos, com a coisa pública, entre indivíduos (por exemplo os micropoderes de Michael Foucault), entre grupos e suas apropriações, representações e imaginações.

Entre outros aspectos a serem oportunamente considerados, o que esteve em jogo na passagem de uma tradicional História Política, tal como ela era elaborada no século XIX, a uma Nova História Política que ter o seu momento de especial intensidade a partir das últimas décadas do século XX, foi de fato um conjunto profundas mutações e disputas que se deram no interior da palavra poder ou através dos complexos desenvolvimentos históricos de sua compreensão pela comunidade científica (BARROS, 2009, p. 148).

Ou seja, a História política renovada despontava das transformações que o processo de seu declínio havia provocado. Esse norteamto relacionado a nova e ampla compreensão de poder, entendido para além das relações com o Estado, mas poder como elemento das relações sociais de convencimento, identificação e imposição. “Nessa perspectiva, o poder não se confunde com a repressão. É tanto repressão quanto persuasão e busca de legitimidade” (MEDEIROS, 2017, p. 266). Sendo então o poder agora compreendido não apenas como originário das relações imperativas das instituições com os indivíduos, mas como elemento que é estabelecido de relações entre indivíduos e instituições e vice-versa. E é essa ampliação do conceito de poder que viabiliza, dentro dos horizontes da História política renovada considerar a agência dos indivíduos.

O poder, elemento fundamental na constituição social humana, e seu exercício, apresentam diferentes formas de manifestação e prática. Mas usualmente, se refere à política. É desse fator que

emerge a dupla importância da História Política. Em primeiro lugar, essa construção histórica evidencia uma das formas pelas quais a sociedade se organiza, e possuindo uma “consciência” que gere sua manifestação, é um dos vetores de leitura social. A História Política [renovada] é portadora da delicada missão: identificar, compreender e demonstrar as relações de poder, onde dominantes e dominados interagem. O trabalho historiográfico ao se voltar ou para os dominantes, ou para os dominados, ou ainda para as relações entre os mesmos, oferece embasamento para a construção de imaginários sociais (LIMA, 2012, p. 3).

As narrativas lineares, de guerras e heróis se esvaem para questões de perspectivas macro e micro que consideram o político como palco da articulação do poder, e sobretudo, das amarrações que ele provoca no cotidiano dos indivíduos. Seja nas suas agências pelo e no poder, nas suas trajetórias no campo político como orientador ou orientado. Tendo esse processo de renovação da História política em vista, problematizamos a questão biográfica dentro desses quadros de apreender o sujeito em sua agência política.

## **A biografia: o sujeito e o contexto**

Tendo em vista esses processos de procedimentos teóricos vividos pela historiografia – do afastamento da história científica e tradicional (História política tradicional) e das formulações totalizantes propostas pelos *Annales*, marxistas e estruturalistas – o sujeito dentro das experiências históricas perpassa breves: na sua presença como agente e partícipe de seu destino em declinação ao coletivo, às experiências advindas das estruturas produtivas e/ou culturais.

Conforme indica Astor Diehl:

Essa forma totalizadora de narrativa histórica de experiências está desacreditada, pois ela continha implícito a ela, e muitas vezes imperceptível, o preço das liberdades dos sujeitos. Contar a história no sentido da inevitabilidade teleológica tornou a história como disciplina da coerção individual. Assim, o coletivo encobriria as individualidades, retirou a ação individual e mais a liberdade imanente do ser em nome de algo maior e superior. Nessa perspectiva, a recepção do conhecimento histórico adquire um caráter ideal quando não sectário (DIEHL, 2014, p. 31).

A indicação do historiador refere-se à demanda de perceber e inserir novamente os sujeitos na condução da explicação histórica. As explicações históricas desenvolvidas até os limites da década de 1980 haviam sacrificado essa participação, além disso os modelos teóricos cada vez mais encaminhavam a historiografia ante a complexidade de compreensão e explicação do passado, demandando problematizar as trajetórias individuais dos humanos junto à História.

Como aponta Sabina Loriga, discutindo a inserção dos sujeitos nas explicações históricas demandadas pela crise nos grandes modelos de interpretação, principalmente na década de 1980:

“Decepcionados e insatisfeitos com o uso de categorias interpretativas predeterminadas, os próprios historiadores sociais, tradicionalmente mais atentos à dimensão coletiva da experiência histórica, começaram a refletir sobre os destinos individuais (LORIGA, 1998, p. 226)”.

A crise dos grandes modelos de interpretação, marxista e estruturalista entre outros, sugeriu a numerosos historiadores interrogarem-se sobre a noção de indivíduo. [...]. Em suma, no decorrer desses últimos anos [década de 1980], a dimensão individual se tornou uma questão central (LORIGA, 2011, p. 212-213).

Tendo em vista tal reclamação do indivíduo na História, o gênero biográfico passou a ocupar espaço nas possibilidades de encaminhar tais inquietações. Giovanni Levi, em um texto publicado na Revista dos *Annales*<sup>1</sup>, no final da década de 1980, assinala essa inserção:

Também poder-se-ia dizer que houve épocas - talvez mais próximas - em que era possível relatar um fato histórico abstraído-se de qualquer destino individual. Vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores [...] (LEVI, 2006, p. 167).

Essa consideração trazida pelo historiador circula as abordagens dadas a biografia nas suas penetrações no movimento do indivíduo na História. Sabina Loriga, tratando da sua crítica à “desertificação do passado” (LORIGA, 2012) também aponta a inquietação presente na historiografia carecedora do sujeito partícipe, discorrendo então da biografia como uma das modalidades possíveis. Ela indica essa (re)inserção da biografia, problematizando sua trajetória dentro da historiografia:

Durante a metade do século XX, quando o projeto biográfico parecia definitivamente abandonado, ele foi retomado por alguns autores [...], todos desejosos de dar a palavra àqueles que a História com H maiúsculo abandonara. E é precisamente nessa óptica, tão distante da abordagem tradicional da história política, que se dissipou pouco a pouco a desconfiança para com a dimensão individual [...], a reflexão biográfica progressivamente retornou em toda historiografia (LORIGA, 2011, p. 212).

A biografia, tida para os *Annales* e outros paradigmas rompentes com a História tradicional como figurante da literatura, do romance e suas constituições heroicas e excludentes, não fornecia elementos capazes de participar das propostas totalizantes da historiografia. Poderia ser capaz de identificar os modelos humanos, ou seja, estudar um indivíduo que fosse íntegro para abarcar as qualidades do contexto, da estrutura, do coletivo estudado, da totalidade indicada. Nesse sentido, a biografia não era articuladora: era qualificadora. Destarte, a historiografia rompente da História tradicional abandonara as propostas biográficas.

---

<sup>1</sup> Referência original do texto: LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. *Annales*, Paris, v. 6, n. 1, p. 325-336, nov./déc. 1989.

Com as novas modalidades historiográficas expandindo, assim como ocorrerá com a História política renovada, a biografia também passou a ser retomada. Ela expande, como indicado por Sabina Loriga (2011) e Giovanni Levi (2006), na afeição pela experiência do indivíduo na História:

A fronteira que separa a biografia da história sempre foi bastante imprecisa. [...] Após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações. A redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao “cotidiano”, a “subjetividades outras” (LORIGA, 1998, p. 225).

Compreendendo esse quadro de “redescoberta” da biografia dentro da historiografia, as ciências sociais e humanas passam a lançar mão de discussões dos limites e possibilidades que o indivíduo pode manifestar e agir enquanto objeto de estudo de uma biografia.

Uma das grandes críticas estabelecidas ao gênero biográfico foi estabelecida por Pierre Bourdieu em seu texto *A ilusão biográfica*<sup>2</sup>. Como o próprio título informa, para Pierre Bourdieu a construção de uma biografia trata-se de um absurdo teórico e metodológico: uma ilusão.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão teórica (BOURDIEU, 2006, p. 185).

A sentença de Pierre Bourdieu se embasa nas suas formulações acerca de *campo, habitus e capital*. Esses três conceitos centrais em suas obras indicam um quadro onde o sistema social é hierárquico, formulado de diversas disposições interdependentes que se relacionam e disputam as estruturas. Dessa forma, para Bourdieu, o *habitus* trata dos repertórios e comportamentos dos indivíduos vinculados as relações advindas das disputas no *campo* social, político, cultural e econômico através dos diversos agentes, os quais embatem-se munidos de seus *capitais*.

Ou seja, o indivíduo e suas experiências estão circundadas a essas contextualizações, reforçadoras de seu *habitus*. Ele indica: “não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade” (BOURDIEU, 2006, p. 185). Desta forma, a biografia para o autor é uma ilusão pois seria inviável compreender o sujeito, o indivíduo, afinal ele é limitado as experiências do seu *habitus*. Logo, explicar a História a partir de um indivíduo seria enganoso.

Bourdieu em sua crítica também expõe que o gênero biográfico está ligado a tradição literária e romancista, reforçadora de questões que não dão conta do real, onde há um apelo ao indivíduo sem fundamentos teóricos que abarcam a complexidade do real exatamente por supervalorizar a

---

<sup>2</sup> Referência original do texto: Bourdieu, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (62/ 63), p. 69-72, juin 1986.

subjetividade sem compreender as disputas e as determinações sociais. Assim, para ele a biografia aproxima-se “do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*” (BOURDIEU, 2006, p. 188). Para ele, o relato biográfico não é praticável exatamente por ser impossível individualizar uma experiência de vida, desconectá-la das suas construções ligadas ao *habitus*. Tornando, por consequência a proposta biográfica mais relacionada a literatura ou romance, distinta das explicações das ciências sociais.

Nesse sentido, o encaminhamento de Pierre Bourdieu em relação a biográfica constrói-se principalmente sobre uma impossibilidade de apreender o sujeito, já que este está vivências sociais, não consegue desconectar delas para experimentar sua agência sobre ações e representações. Bourdieu (2006, p. 189-190) compara que essa impossibilidade é como querer compreender um trajeto no metrô sem considerar suas diversas e diferentes estações e caminhos. Com essa comparação ele indica que:

Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra [...] evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor [...]. O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de uma forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 2006, p. 190, grifo do autor).

Nesse sentido, ele aponta que a construção de uma explicação sobre uma trajetória é inviável é colocações e deslocamentos nas construções relacionais da superfície social a qual o indivíduo está imerso. Assim, sua crítica encaminha compreender a questão através da dicotomia insuperável do *habitus*/sujeito, sendo que o sujeito está inserido e limitado de suas ações no contexto que vive.

Em relação à essa crítica de Pierre Bourdieu acerca da ilusão biográfica no sentido de “enclausurar a existência em busca de uma improvável unidade de sentido” (LORIGA, 1998, p. 246), Sabina Loriga considera pertinente evitar compreender o indivíduo em si só. Mas destaca uma armadilha presente neste posicionamento: considerar o contexto como nuclear e o sujeito submetido a ele é, para ela, uma operação teórica perigosa pois corre-se o risco de se praticar uma história cronológica, sem problematização e como indica ao criticar Bourdieu, “homologar as condutas individuais e a reforçar os laços normativos, a força do *habitus*” (LORIGA, 1998, p. 246). Isto é, a opção dicotômica de Bourdieu onde necessariamente o *habitus* é o núcleo da análise, para Loriga é perigoso já que desautoriza as participações dos indivíduos em detrimento às forças sociais e contextuais apenas.

Ela aponta, tratando da possibilidade biográfica ao passo que critica a esquematização bourdieuana: “muito diferente do proposto por Bourdieu: a saber, utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas” (LORIGA, 1998, p. 246). Essa indicação de procurar no sujeito uma perspectiva de interrogar e analisar busca romper com a proposta totalizante do social e com a extensiva do *habitus*.

De este ponto de vista, as contribuições da historiadora Sabina Loriga <sup>3</sup>propõem romper com a dicotomia entre *habitus*/sujeito. Ao estudar os biógrafos do século XIX, ela percebe que nos apontamentos deles há uma preocupação pós-estruturalista, que dá vieses de perceber o sujeito como partícipe e constituinte da História, ao passo que vê na historiografia do século XX uma *desertificação do passado* (LORIGA, 2012), onde a busca pela totalização, por explicações de fôlego maior e social tira o sujeito de seu lugar. Ela critica:

Parece-me que o estudo do passado continua a privilegiar uma concepção aritmética do indivíduo, pré-psicanalítica, e mesmo pré-dostoivakiana – concepção que não oferece ao personagem-homem senão uma alternativa: desempenhar o papel de um ser consciente e coerente ou então o de um peão no tabuleiro de xadrez da necessidade (LORIGA, 1998, p. 245).

A indicação da autora refere-se à simplificação feita pelas ciências sociais em ou lançar o sujeito como um herói destoante ou como um sujeito “a mais” na soma da totalidade, ou seja, impossível de conciliar nas análises o sujeito e suas participações com o seu contexto de vida, estruturas.

Diante desta dicotomia, que ela compreende conciliatória, recuperando as inquietações dos biógrafos do século XIX, ela traz a expressão do historiador alemão Johann Gustav Droysen <sup>4</sup>referente ao “pequeno X”:

O pequeno x indica a contribuição individual para o desenvolvimento histórico, desenvolvimento não no sentido de uma melhora, mas de uma realização histórica. [...] se chamarmos de A o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz, então, esse A é formado por A + X, em que A contém tudo aquilo que lhe vem – circunstâncias externas do seu país, do seu povo, da sua época etc – e em que X representa a sua contribuição pessoal, a obra do seu livre arbítrio. [...] *Ora, embora infinitamente pequeno, o x é fundamental, porque é o responsável por dar à história seu movimento* (LORIGA, 2012, p. 27, grifo nosso).

---

<sup>3</sup> Partimos principalmente de sua obra *O pequeno X: da biografia à história*, originalmente publicado na França em 2010 e do capítulo *A biografia como problema*, publicado no livro organizado por Jacques Revel e traduzido no Brasil como *Jogos de escala*.

<sup>4</sup> Historiador alemão do século XIX, seus estudos propunham aspectos da teoria e filosofias da História.

Ao indicar a expressão do historiador alemão, recuperando a ideia do pequeno x em sua obra, Sabina propõe uma nova via de compreensão da biografia, onde a necessidade de contextualizar (*habitus* nas obras de Pierre Bourdieu) se articula com a possibilidade do apreender as agências do indivíduo diante da sua realidade. Nesse sentido, há um rompimento da dicotomia e a análise história provém das conexões que estabelecer-se-ão nos quadros da relação sujeito/contexto/realidade: “o que está em jogo para o historiador não reside nem no geral nem no particular, mas em sua conexão” (LORIGA, 2011, p. 227). Ou seja, a historiadora propõe perceber dentro das análises as incertezas, o não vicioso, as dúvidas, o heterogêneo, os descontínuos, multiplicidades, a tensão do indivíduo em suas relações com seu contexto sem nessa análise querer compreender a essência das totalidades humanas, pois serão percebidos as fragmentações e particularidades que humanos lidam com as imposições (LORIGA, 2011; 1998).

Destarte, a proposta do *pequeno x*, trazida por Sabina Loriga em seu livro de mesmo nome, busca contribuir nas discussões sobre o gênero biográfico e sua (re)inserção no campo da História: “de acordo com tal concepção, tão pouco heroica e tão pouco narcisista, a biografia não é de modo algum uma forma de escritura e gótica. Bem pelo contrário, é a ocasião de apreender a densidade social de uma vida” (LORIGA, 2011, p. 219). A biografia com o encaminhamento que ela situa, estende sua possibilidade rompente com os paradigmas da história científica e tradicional, da mesma forma que sugestiona possibilidade de indiciar o indivíduo dentro das totalidades, descortinando “porquês” e “talvez” nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais.

Tendo em vista as considerações de Pierre Bourdieu e Sabina Loriga, temos em relação a biografia:

Quadro 1 – Aspectos da biografia por Pierre Bourdieu e Sabina Loriga

Aspectos da biografia	<p><i>Quanto a relação indivíduo/contexto:</i></p> <p>Pierre Bourdieu compreende de forma dicotômica, onde é impossível perceber o indivíduo pois este está inserido profundamente dentro do seu <i>habitus</i>. Sabina Loriga compreende a importância das relações sociais e do contexto sobre o indivíduo, mas também considera a sua agência e inteligibilidade nas diversas experiências. Evita através da concepção do “pequeno X” a dicotomia.</p>
-----------------------	---

<p>por</p> <p>Pierre Bourdieu</p> <p>Sabina Loriga</p>	<p><i>Quanto à possibilidade biográfica:</i></p> <p>Para Pierre Bourdieu a construção de uma análise biográfica é teoricamente inviável, pois através de sua teoria não há possibilidade de fender o indivíduo das relações sociais e do contexto, por ele indicadas no habitus. Para Sabina Loriga a biografia é um importante horizonte teórico, já que possibilita inserir o sujeito na agência da História, superando a “desertificação do Passado”.</p>
	<p><i>Quanto ao gênero biografia:</i></p> <p>Para Pierre Bordieu a biografia pertence ao gênero literário e romancista. Ou seja, não é viabilizador de análise social. Para Sabina Loriga a biografia é parte das análises das Ciências Sociais. Na historiografia, a autora retoma algumas considerações de biógrafos do século XIX, demonstrando a preocupação deles em considerar os sujeitos como partícipes das interpretações do passado e da realidade social.</p>

Como indicado no Quadro acima, ambos autores diferem em três questões nevrálgicas: ao gênero e possibilidade biográfica e sobre a relação indivíduo/contexto. Nas três, apesar de possuírem pontos de vista diferentes, há uma preocupação em relacionar a experiência do indivíduo com a realidade. Para Pierre Bourdieu essa conexão dá-se sobretudo no universo contextual, nos jogos das diferentes forças do social no habitus e para Sabina Loriga, na relação dual entre aquilo que está presente no contexto e suas esquematizações com os interesses e ações participados pelos indivíduos, no “pequeno X”.

Nesse sentido, os limites e possibilidades apontados pelos autores indicados encaminham a trajetória de uma tensão que a longo prazo se estende na historiografia: a totalidade social como forma de explicação e o indivíduo nessa totalidade. Ora apresentado como vítima das estruturas e do contexto, ora possível partícipe delas. A biografia como parte das mudanças na historiografia participa de esta tensão e das alteridades que as tendências das modalidades historiográficas operam.

## **A biografia na História política renovada: novas possibilidades de entender o indivíduo**

Tendo em vista o movimento de renovação passado pela História política conforme consideramos anteriormente, percebemos que as análises biográficas têm, do ponto de vista teórico, potencial de contribuir na compreensão dos intrincamentos que os indivíduos possuem e relacionam com suas realidades do político.

Nesse sentido, o conceito de poder, já indicado como central no movimento de renovação, é central: permite perceber como o sujeito está alçado as diversas articulações políticas, da mesma forma como se relaciona com as estruturas políticas e organismos do Estado. E, partindo de esta centralidade do conceito do poder (e/ou poderes) nas discussões da História política renovada a biografia como campo de análise e observação, viabiliza compreender os indivíduos participantes da sua experiência, possibilita compreender a relação dos poderes com o eu, e a performance do eu com os poderes.

A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação de práticas. Parece-me que assim evitamos abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário, que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem impor às dominantes mudanças nada desprezíveis (LEVI, 2006, p. 180).

Assim como indica Giovanni Levi, a biografia como essa possibilidade de perceber as multiplicidades, também tem sua dilatação dentro da História política renovada, enriquecendo os debates acerca das condições históricas que esse aspecto participa da vida dos sujeitos em diferentes tempos e espaços. Problematiza a relação e o tato que as sociedades podem estabelecer e aprofundar as dimensões de indivíduo, contribuindo para a construção de narrativas mais complexas e múltiplas do passado humano.

Nesse sentido, evitar a dicotomia do escolher ou sujeito ou coletivo/contexto, também é fundamental para explicações mais abundantes, possíveis de melhor compreender como o político está para a vida humana e as conexões que se estabelecem entre sujeito e coletivo e contexto.

Os indivíduos estão inscritos em uma rede de sistemas sociais e normativos que podem informar e condicionar as suas ações, mas essas redes de relações e obrigações externas não podem ser vistas como uma espécie de “camisa-de-força” invisível e paralisante. Estudar a fragmentação e as particularidades próprias da condição humana significa pensar os indivíduos como costureiros experientes a ajustar a “camisa-de-força” social de modo que ela sirva subjetivamente bem, em um modo de apreciação que lhes tragam conforto, segurança ou mesmo a possibilidade de recusa. Mesmo que os padrões externos imponham uma “moda” específica dentro do sistema social e político, a autonomia e a criatividade humana são importantes molas propulsoras para compreender as recusas ou aceitações que conduzem a importantes transformações históricas (VIEIRA, 2018, p. 301).

Assim, a biografia, nos encaminhamentos que problematiza as relações sociais e considera a existência de uma significativa autonomia individual dos sujeitos frente às suas experiências, precisa romper com as determinações e dicotomia.

A relação indivíduo/sociedade não se constitui propriamente num problema novo. Contudo, na maior parte das vezes, os autores tenderam a enfatizar um dos polos da relação: o homem ou o contexto, o sujeito ou a estrutura, o voluntarismo ou o determinismo, a liberdade ou a necessidade. Hoje, pelo contrário, um número significativo de historiadores procura pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais estas se realizaram como uma via de mão dupla, sem cair nem no individualismo exacerbado (SCHMIDT, 1997, p. 15).

E dentro da História política renovada é através do conceito de poder que essa operação de “via de mão dupla”, indicada pelo historiador, ocorre: compreendendo poder como o elemento articulador das relações não apenas das instituições para o indivíduo, mas dos fios que conectam essas relações.

Escrever uma história de vida é estar atento ao jogo relacional no qual o sujeito biografado esteve envolvido. A viabilidade de realização ou não de seus projetos vai depender de outros tantos projetos individuais e/ou coletivos. Redes de dependência e reciprocidade construídas ao longo de uma vida e que são plásticas, móveis, negociáveis, dentro, seguramente, de um contexto percebido enquanto campo de possíveis (CONCEIÇÃO, p. 6, 2011).

Assim, problematizando a noção de indivíduo e sua agência, bem como suas sujeições aos comportamentos do poder em seu contexto, a biografia é uma \_\_\_\_ incorporada ao campo político renovado, onde o sujeito faz parte da escrita da história, entendido em sua singularidade e multiplicidade de comportamentos.

Tendo em vista essas relações possíveis a partir da abordagem biográfica o poder, conceito fundamental problematizado dentro da História política renovada, se complexifica. Considerando a dinâmica do sujeito em suas experiências e no seu contexto, isto é, a multiplicidade das conexões entre sua agência e limitações estruturais, temporais e espaciais, viabiliza-se analisar e apreender como o poder age ou não sob diferentes performances.

Escrever uma história de vida é estar atento ao jogo relacional no qual o sujeito biografado esteve envolvido. A viabilidade de realização ou não de seus projetos vai depender de outros tantos projetos individuais e/ou coletivos. Redes de dependência e reciprocidade construídas ao longo de uma vida e que são plásticas, móveis, negociáveis, dentro, seguramente, de um contexto percebido enquanto campo de possíveis (CONCEIÇÃO, 2011, p. 6).

Assim, evitando a dicotomia do “ou indivíduo ou social” e percebendo as diversas dimensões das redes relacionais que ocorrem entre o sujeito, sua subjetividade e interesses com as instituições, grupos e contexto na sua multiplicidade, a proposta biográfica deve viabilizar uma análise onde interpreta-se tais associações e alteridades na passagem do tempo e nos diferentes espaços.

Isto posto, o poder sai do título hierárquico que apenas lhe conferia homogeneidade e participa então do espetáculo presente no passado, entre indivíduo e suas relações. Essa multiplicidade demandada pela biografia histórica dentro da História política renovada viabiliza ao oficineiro de Clio, sem sacrificar ou exorcizar a explicação, um caminho possível a compreender como o indivíduo experimenta, seduz ou é seduzido pelo poder e como se articula toda essa heterogeneidade na vida humana.

## Considerações finais

Percebendo os caminhos teóricos e metodológicos empreendidos dentro da historiografia, o passado humano é apresentado e encaminhado de diferentes dimensões, disputado pelos oficineiros de Clio em suas explicações e propostas. Tida como tradicional por ser enaltecida e estritamente política e militar, a História científica (e de mesmo nome *tradicional*) foi duramente criticada pelas propostas totalizantes (trazidas principalmente pelos *Annales*), estruturais e marxistas, as quais propunham, a partir de novas modalidades, abordagens, fontes e interpretações constituir uma História mais complexa e atrelada principalmente a constituição de leis e conceitos totalizadores. Essas propostas, também deram abertura à renovação na História política e ao longo das décadas de 1970 e 1980, os modelos demandaram a apreensão dos sujeitos e das suas presenças na narrativa histórica.

A História política renovada, também interessada com a questão dos destinos individuais, ou seja, a participação e agência dos sujeitos diante do seu próprio contexto também passa considerar a biografia como um importante campo de análise e observação. Afinal, diferente dos antigos relatos biográficos constituídos pela História política tradicional e científica e pelos modelos totalizantes explicativos, onde respectivamente apareciam o elemento heroico, superior e transcendente e o indivíduo modelo, íntegro, representativo da coletividade universal, a biografia política deve trazer, considerando as críticas da “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2006) e as considerações do “pequeno x” (LORIGA, 2011) os sujeitos comuns e destoantes, cada um compreendidos nos seus limites e vivências, percebidos dentro de suas participações, redes e estratégias.

## Referências bibliográficas

BARROS, José D’Assunção. História Política: o estudo historiográfico do poder, dos micropoderes, do discurso e do imaginário político. **Educere et educere – Revista de Educação**, Cascavel, v. 4, n. 7, p. 147-162, jan./jun. 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coor.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-192.

- BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- CONCEIÇÃO, Livia Beatriz. História e Biografia: limites e possibilidades teóricas. **Revista Cantareira**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 1-9, 2011.
- DIEHL, Astor Antônio. Biografia e psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Envelhecimento humano, o eu-psicológico e biografia: o passado no divã?** Série Argonautas da subjetividade: memória, cultura de mudança, psicanálise e envelhecimento humano. v. 4. Passo Fundo: Berthier, 2014. p. 29-46.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coor.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.
- LIMA, Henrique P. História política: trajetória e significados. **Semina - Revista Dos Pós-Graduandos em História da UPF**, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 1-13, 2012.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998. p. 225-250.
- LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. [Entrevista cedida à Adriana Barreto de Souza e Fábio Henrique Lopes]. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 9, ago. 2012, p. 26-37.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**, 2011. Coleção História e Historiografia.
- MEDEIROS, Fabrício F. A nova história política. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 9, n. 3, ed. 35, p. 258-269, set./dez., 2017.
- NOGUEIRA, Isabella; FERREIRA NETO, Maria Cristina Nunes. A biografia em uma nova história política. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 262-283, 2016.
- RÉMOND, René. Uma História Presente. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 13 -36.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias ... jistoriadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 1-21, 1997.
- SÊGA, Rafael. História e Política. **História: questões & debates**, Curitiba, v. 37, n. 2, p. 183-195, 2002.
- VIEIRA, Adriana Fraga. Escafandristas do “eu”: perspectivas teóricas sobre os usos da biografia como fonte. **Revista eletrônica História em reflexão**, Dourados, v. 12, n. 23, p. 297-312, jan./jun. 2018.